



I
Se o vento soprar, do mato,
Nas veredas da minha face
Prostrarei o meu olfato
Para que ele repousasse.

III
E se o amanhecer me disser
Sinestesicamente
Que vermelho é o Khmer
Que luta complacente.

II
As poáceas nos meus sentidos
E meus olhos cerrados
Ouvirão os meus gemidos
A noite e seus legados.

IV
Abraçarei céu azul
Todo o firmamento
E soprando lá do sul
Vem, de novo, outro vento.

O Vento Khmer Marcelo Garbine